

TEDLOCK, Barbara. A mulher no corpo de xamã: o feminino na religião e na medicina. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2008. ISBN: 978-85-325-2384-6. 352 p.

Publicado em 2005, o livro da antropóloga Barbara Tedlock, “The Woman in the Shaman’s Body: Reclaiming the Feminine in Religion and Medicine”, tem sua tradução no Brasil no ano de 2008 como “Mulher no corpo de xamã: o feminino na religião e na medicina”. Traz de seu título original a palavra suprimida “*reclaiming*” no texto em português, cuja tradução se aproxima de “reclamando”, a qual carrega em si o significado de “reivindicando”. Esta, por sua vez, revela a intenção da antropóloga, na obra, de revisar, principalmente, as linhas de Antropologia no que se refere às interpretações das impressões das mulheres deixadas no mundo, na religião e nas formas de cura e autocura ou como na etnomedicina do xamanismo. Pretende-se resenhar os principais pontos do livro, destacando sua importância e contribuição para os estudos da Ciência da Religião por seu caráter multidisciplinar e, principalmente, aos Estudos Feministas de Religião.

A obra de Tedlock, um misto de ensaio, autobiografia e reportagem, traz em suas quatro partes descobertas arqueológicas, relatos, depoimentos, fotos e imagens de mulheres em diversas partes do mundo que usam ou usaram o curandeirismo e o xamanismo como formas de expressão religiosa e política. Para rever essas questões na formação da História das Mulheres, a autora pergunta qual a relevância em relação a uma tradição feminina perdida no xamanismo, e coloca como forma de contribuição a sua própria história, que deriva de uma avó de origem *Ojibwe* que lhe ensinou parte de processos xamânicos de cura. Segue guiando-se, segundo ela mesma, na habilidade de duas premissas – “*um raciocínio dedutivo intelectual e um raciocínio emocional intuitivo*” (p.22). Com pitadas de neurociência, busca explicar porque a fisiologia e a biologia química das mulheres as “*capacitam de um modo tão particular para exercer o papel das xamãs*” (p.22), atuando em seus papéis xamânicos transcendentais como parteiras guerreiras e profetas, bem como a importância da mudança de sexo na habilidade de abraçar os dois caminhos, feminino e masculino, na cura; termina propondo uma revitalização atual do feminismo xamânico no mundo inteiro.

Revisitando

Na primeira parte, intitulada “O resgate da história”, a autora começa com um breve relato das atividades dos xamãs e uma retrospectiva de seus primórdios pré-históricos, bem como o desenvolvimento histórico subsequente. Parece legítimo ressaltar que a autora se preocupa em mostrar, a partir de obras importantes da Antropologia da Religião e suas marcas nos estudos científicos da religião, o

consequente desaparecimento das histórias dessas mulheres em detrimento da abordagem, “*uma interpretação errônea proposital da evidência*” (p.69), como ela mesma enfatiza.

No capítulo “O ato de desaparecer”, busca explicações para compreender como o xamanismo feminino foi eclipsado. Atualmente, as mudanças no sistema de conhecimentos e os paradigmas científicos tornaram-se frequentes e bem mais agudos. Os estudos arqueológicos e da religião têm estado ao passo desse processo, porém parece que ainda engatinhamos ao pensar em uma metodologia que possa criar uma nova versão do passado e de um futuro potencial no qual as mulheres sejam lidas como agentes de mudanças ativas na cultura, política e religião. No passado, a maioria dos cientistas que estabeleciam o sexo de esqueletos eram homens, e como resultado das teorias evolucionárias sobre a origem da cultura humana prevalece a ênfase masculina (p. 39).

Nessa parte do livro, a autora faz o trabalho de levantar uma bibliografia que trata das características do xamanismo e suas definições, as quais - ela deixa claro -, nas práticas de caráter mais elevado e importante, como sair do corpo, eram relatadas sempre desde as experiências dos homens, relegado às mulheres ritos como os de possessão ou partilhar o corpo de alguém como uma prática menor ou de uso manipulador das mulheres.

Para tratar de mulheres com habilidades xamânicas, Tedlock prevê desconstruir obras importantes da Antropologia, como a de um dos mais proeminentes escritores sobre xamanismo, Mircea Eliade. A autora destaca passagens da obra *Shamanism: Archaic Technique of Ecstasy* (1964) e suas limitações, entre elas o fato do autor nunca ter encontrado um xamã e, portanto, ter dependido de fontes publicadas. Para Tedlock, é surpreendente que todos os xamãs que ele descreve sejam homens. E, ainda, ressalta que esse mesmo escritor correntemente se refere às mulheres xamãs *mapuche* no Chile como “feiticeiras”, afirmando que eram pessoas malvadas que atacavam com perversidade os outros, arremessando objetos injuriosos sobre seus corpos. A autora cita passagens em que Eliade considera a predominância de xamãs do sexo feminino na Coreia uma deterioração do xamanismo tradicional, mencionando que as antigas mulheres xamãs chinesas eram pessoas possuídas de um tipo rudimentar de espiritualidade. Porém, ela argumenta que a fonte utilizada por Eliade, Jacob Marie de Groot, na época já abordara amplamente a religião chinesa, e tinha observado as mulheres xamãs que predominavam nos primórdios do xamanismo chinês eram consideradas grandes curandeiras.

Para ela, esse fortalecimento do “*mito do homem como caçador e xamã*” (p. 71) se deu em detrimento de mal-entendidos comuns sobre o xamanismo estar associado à caça. Apoia-se na teoria do antropólogo Piers Vitebsky, citando *The shaman: Voyages of the soul, ecstasy, and healing from Sibéria to the Amazon* (1995),

que insiste em afirmar que a ideia clássica siberiana do xamã como dono dos espíritos inspira-se muito na imagem do caçador ou do guerreiro, com seu estilo heróico de atravessar o cosmos e atrair espíritos para a luta. Estaria aí a teoria junto à ideia da crença de que homens foram caçadores, em tempos pré-históricos ou em comunidades de caçadores, e que apenas eles forneciam comida para as mulheres e às crianças inoperantes - o resultado é o que chamamos de o mito do homem como caçador xamã. Para ela, parece haver também outro fator responsável por essa supressão, que seria a linguística da tradução, na qual *“mais uma vez os etnólogos interpretam a palavra xamã dependendo do sexo da pessoa descrita”* (p. 76). Na Austrália, o termo nativo para xamã, *putari*, foi traduzido como “médico feiticeiro”. E

por ironia, em muitas tradições xamânicas existe um caminho traçado por mulheres que une artesanato à espiritualidade, como o povo *Huichol* na região Centro-oeste do México cuja disciplina da espiritualidade feminina foca o aprendizado da tecelagem propiciando o acesso ao mundo espiritual para criar novos desenhos (p. 77).

Ela mostra ainda que a maioria dos estudiosos de xamanismo o limitava ao “vôo da alma”¹, considerando-o não só transcendente, mas também fálico. *“E separava isso da possessão que julgava imanente e designada para mulheres, as quais não eram de fato xamãs”* (p. 79).

Em suma, nessa parte do livro a grande contribuição da autora sobre a obscuridade das mulheres de cura parece estar no grande levantamento que ela faz de pesquisadores/pesquisadoras e autores/autoras que optaram, conscientemente ou não, por eclipsar a História das Mulheres, sendo esse material um grande referencial para quem deseja se utilizar de fontes que tenham feito revisão de gênero, ou relatado de forma fidedigna a história e a cultura dos povos.

Formas de ação

A segunda parte do livro, “Tradições xamanistas em ação”, contém capítulos compostos quase que em sua totalidade por narrativas das experiências de Tedlock intercaladas com referências bibliográficas. Discorrendo sobre as formas de xamanismo no mundo, a autora aborda vários consensos, como *“estado alterado de consciência”* ou *“estados xamânicos de consciência”* (p. 86), sobre a *“energia*

¹ “Vôo da alma”: essa abordagem se refere à citação de Eliade mencionado Røheim, “referente à natureza fálica do êxtase do vôo da alma (p.79). Para citá-lo: “O vôo sonhador é o sonho de uma ereção, [e] nesses sonhos o corpo representa o pênis. Nossa conclusão hipotética seria de que o vôo sonhador é o núcleo do xamanismo” (itálico no original). A citação de Røheim pode ser vista em ELIADE. Shamanism: archaic techniques of ecstasy Princeton University Press, 2004 (pp. 224-225).

vital” (p. 89) e o conceito desta ser uma forma da eletricidade que permite a cura. Outro componente essencial das tradições xamanistas é o “*êxtase erótico*” (p. 93), mistura do erotismo sagrado com a experiência visionária extática. Considerando “*a palavra orgasmo [ter o] significado de transe em diversos ramos linguísticos*” (p. 95), a explicação que a autora apresenta (pautada em pesquisa de neurociência) é de que os cientistas apontam para uma forte conexão neurológica entre a sexualidade, em particular a feminina, e o ingresso no estado de transe. Para ilustrar esse tipo de experiência, Tedlock dedica um capítulo inteiro, “Montando o Cavalo do Vento”, para tratar do contato que teve com uma mulher xamã, Bayar, em Ulan Bator, capital da Mongólia, conhecida por seus sonhos proféticos lúcidos. Para ela, muitos pesquisadores ignoram a cura advinda do treinamento do sonho dos xamãs. “*As pessoas que crescem nas tradições xamanistas consideram os sonhos e as visões fontes valiosas de conhecimento e desenvolvem técnicas para sonhar que podem ser diferentes para homens e mulheres*” (pp. 109-110).

Quando usa a expressão sonhar, Tedlock se refere a todo o processo de induzir um estado de sonho ao ser submetido à incubação ou à “Busca de Visão”. Após falar sobre o uso de plantas pelas tradições xamanistas como forma de criar sonhos lúcidos, ela termina a segunda parte do último capítulo, “Sonho Florido”, narrando a própria experiência com os cogumelos *psilocibino*. Segue abordando o uso ritual de determinadas plantas, cogumelos e cactos como o *peiole* utilizados para o aumento de sonhos lúcidos, enfatizando que hoje mulheres xamãs e herboristas dos povos *quíchua* e *aimará* colhem o cacto para a cura e o vendem abertamente nos mercados e feiras.

Histórias do Sangue

A terceira parte tem por título “Ciclo feminino: menstruação, nascimento e criação”. No primeiro capítulo, “Borboletas ao Luar: magia sangrenta”, a autora reforça, com base em pesquisas, a capacidade das mulheres segundo sua constituição fisiológica - dentro dela, a hormonal -, que exerce

um papel crucial nas habilidades xamanistas, pois logo antes e durante a menstruação as mulheres exercem com mais vigor seus poderes de cura e profecia. As oscilações de humor e a sensibilidade exarcebada desse período do mês, que no Ocidente tem sido denominado de tensão pré-menstrual e é tratada como doença, são na verdade, manifestações de um estado de consciência alterado resultante da biologia feminina (p. 177).

Segue relatando expressões que denominam a relação das mulheres com seus ciclos, dentre elas as flores como símbolo da força feminina de vida utilizada, por

exemplo, no povo *Huichol*, que acreditam que uma deusa, a Avó do Crescimento, fez flores das suas roupas íntimas ensanguentadas e jogou-as em uma fonte no deserto perto do lugar onde o cacto sagrado de *peiole* agora floresce. Outra relação é o da vinda da menstruação com as fases da Lua, como forma de contagem do tempo. E, ainda, o da sincronia menstrual e o isolamento, principalmente nos rituais de puberdade, como iniciação ao sangue e ao xamanismo.

No capítulo “O Sagrado, o perigoso e o proibido”, Tedlock se dedica a falar dos tabus menstruais como poder feminino. Neles, segundo ela, muitas crenças e complexos significados foram mal interpretados por etnólogos, dando base até mesmo para equívocos de etnólogas com relação aos ritos de menstruação. Em contrapartida, relata o orgulho das mulheres de diversas etnias, como as *aymaras*, do seu fluxo menstrual.

Já o capítulo “Invocando espíritos: nascimento, ritual e a arte da parteira”, a autora relata a arte de partejar como um das possibilidades de desenvolvimento de poderes xamânicos, mesmo que, segundo ela, a função de parteira nunca tenha sido reconhecida como uma arte de xamã. O penúltimo capítulo, “Atadas ao Tecido do Céu”, é dedicado a tratar da arte da tecelagem, cujos

atos rítmicos de desemaranhar e tecer os fios podem ser vistos como expressões de unidade e esperança diante da realidade da mudança, destruição e morte. Como cada objeto ligado a essas atividades é considerado feminino na maioria das culturas, os utensílios para tecer e coser tornaram-se símbolos de honra feminina e sinais de autoridade da mulher (p. 225).

No último capítulo, novamente Tedlock relata mais uma de suas experiências, desta vez um ritual da tradição maia no Planalto da Guatemala, liderado por uma mulher, Doña Josefina, que fora iniciada em “*ajanawal mesa*” (expressão que significa “*a essência espiritual da mesa do altar de cura*”).

Pontuações

A quarta parte tem o título “O poder do sexo e a revitalização xamanista”. No capítulo “Unindo Reinos separados”, a autora relata que em diversas tradições “*o gênero ideal pode ser personificado em uma divindade andrógina, em um criador com uma mudança de sexo, ou mesmo em um herói cultural co-sexual*” (p. 248), como por exemplo, na cosmologia asteca, na qual a maior divindade é *Ometeotl*, o deus e deusa autogerador da dualidade, feminino e masculino.

No capítulo “Atos corajosos e visões”, relaciona diversos personagens mulheres na história que lutaram para defender sua cultura e a forma de expressão de seus ciclos. A partir de discussões sobre o reavivamento do xamanismo em diversos

lugares do mundo, no último capítulo do livro, “Reacendendo a chama”, Teddlock faz uma contribuição ao descrever senão todos, mas a maioria dos movimentos dedicados tanto a reacender práticas ancestrais ligadas ao culto da Terra quanto a criar novas abordagens xamanistas, colocando sob o mesmo guarda-chuva práticas de etnomedicina e o paganismo em suas diversas facetas.

A expectativa de Tedlock parece ser a de que situações de opressão a que as mulheres ao longo da história foram submetidas, potencializadas ao se eclipsar as expressões religiosas de cura e autocura em função de etnia e classe social, tornaram-se mecanismos de resistência. A contribuição de Tedlock está em fazer uma revisão de classe e gênero para os achados arqueológicos e os relatos dos etnólogos e antropólogos, uma vez que

“por muito tempo, as avaliações das crenças religiosas e práticas de cura das mulheres basearam-se em opiniões refletidas na visão masculina e explicadas por conceitos extraídos de tradições religiosas e acadêmicas com tendência machista” (p. 281).

Fica clara a intenção da autora de fazer com que parteiras, curandeiras, xamãs ou até médicas, que ainda lutam por legitimidade, conheçam a história de como e por que as mulheres foram excluídas desses campos de conhecimento, olhando com uma nova perspectiva o registro arqueológico e histórico, a pesquisa fisiológica e a Psicologia inovadora.

*Sabrina Alves**
alves.sabrina@gmail.com

* Mestranda em Ciências da Religião, PUC, São Paulo.